

Crepúsculo de outono

Suíte Líricas, Op.25 n.2

Letra de Manuel Bandeira

Helza Camêu

I

Tranquilo

mp

O cre-pú-s-cu-lo cai,

man - so co - mo u - ma ben - ção.

Dir - se - à que o ri - o cho - ra a pri - são de seu lei - to...

As gran-des mãos da som - bra

Cópia do manuscrito autógrafo de 1943 feita por Luciana Monteiro de Castro em 2001

17

e - van - gé - li - cas pen - sam As fe - ri - das que a vi - da a - briu em ca - da

21

pei - to. O ou - to - no - a - ma - re - le - ce e des - po - ja os la - ri - ços. Um cor - vo pas - sa e

Ced. muito

26

gras - na e dei - xa es - par - so no ar O ter - ror au - gu - ral de en - can - tos e fei - ti - ços.

Animando *Cedendo*

31

As flo - res mor - rem. To - da a rel - va en - tra a mur -

Calmo *pp*

35 *Tempo I*

char. Os pi - nhei-ros po-rém

39 vi - çam e... sc - rão... bre - ve To - do o ver - de que a

43 vis - ta es - pai - re - cen - do ve - jas, Mais

46 ne - gros so - bre a al - vu - ra i - nã-ni-me da ne - ve, Al - tos

50

c... es - pi - ri - tuais co-mo fle-chas de i - gre jas:.....

Alarg. muito

II

54 *Com gravidade* $\text{♩} = 44$

f Um si-no plan-ge. A su-a voz... ri-t-ma o mur-mú-rio do

mf

59

ri - o e is-so pa-re-ce a voz da so-li - dão. E es-sa voz en-che o

Cresc.

63

va - le... o ho-ri-zon-te pur - pú - reo... *p* Con-so-la - do - ra co-mo um dí - vi - no per - dão.

ff *p* *Cedendo*

67 *Um pouco mais*

Incolor O sol fun-diu a ne - ve. A fo-lha-gem ver-me - lha re -

Cresc.

70 pon - ta. A - pe - nas há nos bar-ran-cos re - tor - tos Flo-cos que a luz do po - en - te es -

cresc

73 tá - ti - ca Se - me-lha a re-ba-nho in-fe - liz de cor - dei - ri - nhos mor - tos.

Cedendo *f* *p*

76 A som-bra ca - sa os sons ca - sa os sons nu - ma gra-ve har-mo - ni - a, E ta -

80

ma-nha es-pe-ran-ça e u-ma tão gran-de paz. A-vul-tam do cla-rão que cin-ge a ser-ra-

Cresc. muito

84

ni - a, co-mo se hou-ves - se au-ro-ra e o mar can-tan-do a - trás.

Cresc.

Alargando

ff

CREPÚSCULO DE OUTONO

Em "A Cinza das horas"

O crepúsculo cai, manso como uma benção.
Dir-se há que o rio chora a prisão do seu leito...
As grandes mãos da sombra evangélicas pensam
As feridas que a vida abriu em cada peito.

O outono amarelece e despoja os lariços.
Um corvo passa e grasna, e deixa esparso no ar
O terror augural de cantos e feitiços.
As flores morrem. Toda a relva entra a murchar.

Os pinheiros porém viçam e serão em breve
Todo o verde que a vista esparecendo vejas,
Mais negros sobre a alvura inânime da neve,
Altos e espirituais com flechas de igrejas.

Um sino plange. A sua voz ritma o murmúrio
Do rio, e isso parece a voz da solidão.
E essa voz enche o vale... o horizonte purpúrio...
Consoladora como um divino perdão.

O sol fundiu a neve. A folhagem vermelha
Reponta. Apenas há nos barrancos retortos,
Flores que a luz do poente extática semelha
A um rebanho infeliz de cordeirinhos mortos.

A sombra casa os sons numa grave harmonia.
E tamanha esperança e uma tão grande paz
Avultam do clarão que cinge a serrania,
Como se houvesse aurora e o mar cantando atrás.

Clavadel, 1913